

A estética da simplicidade

Por Mônica Ramos



A imagem é um dos símbolos mais fortes do nosso tempo. Belo Horizonte está repleta de imagens, nos infinitos e imensos out doors que povoam as avenidas e principais vias da cidade, no virtuosismo das imagens em movimento nos painéis luminosos nas ruas e nas telas de televisão em cada casa. Mesmo as imagens fixas sugerem movimento, denunciando a influência cada vez mais intensa do vídeo em nossas vidas. E boa parte da produção em vídeo abusa dos recursos tecnológicos e da velocidade, prendendo a atenção do espectador com efeitos mirabolantes e uma sucessão de imagens mais rápida que o próprio ritmo da metrópole.

Apostando na contramão do que se tem visto nas atuais produções do gênero, os irmãos Pedro e Paulo C. Vilela foram escolhidos para várias mostras internacionais de vídeo. Com idéias simples e utilização parcimoniosa de recursos, o trabalho destes videoartistas tem chamado mais atenção de estrangeiros do que dos brasileiros. "É triste dizer isso, mas a gente tem que fazer sucesso lá fora primeiro, para depois ser reconhecido por aqui", comenta Paulo. Para os irmãos, apenas dois curadores reconheceram seu trabalho aqui no Brasil: Solange Farkas, da Vídeo Brasil, e Roberto Moreira, do Itaú Cultural .

Pedro e Paulo começaram a trabalhar com vídeo intuitivamente, para experimentar e expressar suas idéias. Vindos de Viçosa para fazer design gráfico, os estudantes ficaram seduzidos pelas possibilidades gráficas da imagem em movimento. "À medida que fomos fazendo, fomos nos situando. O melhor da arte é pôr o barquinho de papel na frente da correnteza, não na nascente", explica Pedro.

Apesar de apresentarem um trabalho limpo, sem grande virtuosos de ângulos ou cortes sucessivos em imagens, Pedro e Paulo têm à sua disposição os mais modernos recursos do gênero em Belo Horizonte. Paulo trabalha na Zootrópio, e Pedro trabalha na Envídeo, produtoras atuantes no ramo de vídeo da capital mineira. As produtoras dão total apoio às suas produções e experimentações, independente do resultado. Para suas experiências em áudio, os irmãos contam com a tecnologia da Rec Stúdio e, eventualmente, convidam músicos para colaborar. Em seu vídeo mais recente, o Chat Room, a banda escolhida para trabalhar na trilha foi o Pex Baa. A precisão na interação vídeo-música é resultado da confiança dos irmãos nos convidados. "Apenas entregamos o vídeo com as imagens já prontas para os músicos, e deixamos toda a criação do conceito musical por conta deles. Se fica ruim a gente manda de volta", brinca Paulo.

As idéias de vídeos como Chat Room, em que bichinhos virtuais dialogam numa sala de bate-papo na internet, ou de Laranja Minas, que trabalha com desenhos de montanhas e plantas, surgem de repente. Mas o trabalho só começa quando Pedro e Paulo chegam a um consenso.

Mesmo seduzidos pelo poder da imagem, a dupla não abriu mão de suas convicções e referências. "A arte tem que ter sentimento. As pessoas estão mais preocupadas com os meios de produção, que são acessórios. A discussão sobre o que se faz e o que se diz é deixada de lado", alerta Pedro. E Paulo completa: "não estamos interessados na estética pela estética, e sim em desenvolver um trabalho nosso".

Os irmãos apontam a grande diferença entre o trabalho produzido comercialmente e seus vídeos autorais. Paulo explica que esses dois tipos de vídeo são muito diferentes esteticamente. "Mas a videoarte e a publicidade podem vir a se relacionar, porque a publicidade se alimenta da videoarte", reflete. A dupla está pouco preocupada com os possíveis retornos financeiros da atividade. "Eventualmente, o Éder Santos vende um vídeo para uma galeria. Mas são algumas pessoas no mundo que podem fazer isso... Mesmo assim, toda a arte é uma coisa muito pessoal que se estende, não pode ficar guardada", conclui Pedro.